



Jornal do VII Congresso Português de Sociologia

21 JUNHO 2012



Mário Soares: elogio à impaciência

A visibilidade de determinadas figuras públicas talvez possa ser equiparada à relação das abelhas com o mel. Mário Soares era, claramente, o nome mais aguardado do dia de ontem pela generalidade pessoas que fomos encontrando na Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto.

Com notável sentido de humor, o ex-Presidente da República começou por elogiar a comunicação de Carvalho da

Silva que interviera minutos antes. O ex-líder da CGTP mostrou-se indignado com a situação político-económica portuguesa e deixou claro ser prioritário mobilizar alternativas. Mário Soares corroborou: “A conclusão que ele tirou é a de que não devemos estar parados, nem ser pacientes. Eu acho muito bem”. No tempo de que dispunha, Soares lembrou a sua luta contra a ditadura e a chegada da aurora do 25 de Abril como

o dia mais importante da sua vida.

Em entrevista ao Jornal do Congresso, Soares afirmou que os valores do 25 de Abril estão em risco com a crise económica, designadamente no que diz respeito à progressiva destruição do Estado Social. Porém, acredita que “há um vento democrático” que vem soprando desde a eleição de François Hollande e que poderá reverter o curso das coisas.

Democracia em crise? Ou crise de valores?

Na sessão da tarde de ontem, o tempo revelou-se escasso para riqueza das intervenções. Convidado para um debate sobre Democracia, Sociedade e Valores, José Madureira Pinto, docente jubilado da Faculdade de Economia do Porto, trouxe para a discussão o conceito de “inconsistência institucional”. Entre outros dados estatísticos, apresentou gráficos referentes à taxa de realização no Ensino Superior entre 1950 e 2001 e à Taxa de Fecundidade entre 1981 e 2001, evidenciando as mulheres que acumulam tarefas domésticas pesadas e um trabalho fora de casa igualmente pesado, na ausência do apoio de um estado de bem-estar suficientemente consolidado. Falou, também, sobre a “impressionante” emigração atual, que equiparou à dos anos 60, concluindo que “um país que muda a esta velocidade em tantos domínios só pode originar tecidos desconexos”.

A esta intervenção seguiu-se a de António Teixeira Fernandes, fundador do curso de Sociologia da Universidade do Porto. Num registo notoriamente crítico, diagnosticou alguns dos sintomas que contribuem para a crise da Democracia: convivência passiva da população; corrupção incontável; flexissegurança e precariedade laboral; direitos e vontades à mercê do poder político. Posto isto, “será necessário reconfigurar a democracia” – atualmente “uma mera quimera”, diz o sociólogo – de forma a promover a sua democratização.

João Ferreira de Almeida foi o último comunicante a usar da palavra naquela Sessão Plenária. A sua apresentação – que visava esboçar uma teoria das transformações bruscas – começou por distinguir alterações lentas de revoluções. O sociólogo referiu-se, ainda, a “três ressacas”: uma primeira logo após o 25 de Abril de



João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto

1974, marcada pelo silenciamento de expectativas e aspirações populares; a segunda assinalada com o regresso de cerca de meio milhão de retornados das ex-colónias em 1975; e, por último, a terceira, a “ressaca da crise”, que vem durando até hoje.

Numa possível comparação de Portugal com os países de Leste, Ferreira de Almeida chamou a atenção da plateia

para a existência de uma invisibilidade geral dos aspetos positivos em Portugal – situação que “acontecerá também nas sociedades de Leste”. A sessão foi comentada por Carlos Fortuna, ex-presidente da APS, que admitiu que a Sociologia tem a obrigação de romper com os constrangimentos que possam remeter para um quadro de referência tão sombrio.



Manuel Carlos Silva: “A APS é uma associação de grande porte”

O atual presidente da Associação Portuguesa de Sociologia salientou no final do dia de ontem, em entrevista a este jornal, que a APS se caracteriza por ser uma “associação de grande porte”, com notável qualidade e história, uma vez que une quer os académi-

cos, quer os profissionais no terreno em prol do enriquecimento e evolução da Sociologia portuguesa. Rejeitando o lugar subalterno da ciência social em termos científicos, Manuel Carlos Silva elogiou o trabalho sociológico desenvolvido em

Portugal nos últimos 40 anos e o atual “juntar de forças” para debelar a crise. Por último, evidenciou o número de comunicações que o Congresso acolhe este ano, passando de cerca de 500 (na edição anterior) para 1300 (nesta edição).

curiosidades

O Ensino Superior em Portugal (público e privado) formou, desde 1978, cerca de 12 mil diplomados em Sociologia

O VII Congresso de Sociologia conta com o número recorde de 1300 comunicações

O Relatório do Eurostat revela que os portugueses ganhavam, em 2011, menos 23% do que a média dos co-cidadãos europeus

Em Maio deste ano, estavam registados 7940 casais sem emprego, o que representa um aumento de 81% face ao mesmo mês do ano 2011

Sociedade, Crise e Reconfigurações na Sessão de Abertura do Congresso

A Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FP-CEUP) foi o local escolhido para a Sessão de Abertura do VII Congresso Português Sociologia. O memorável discurso de Manuel Carlos Silva serviu de mote para o início do evento. Num tom crítico, o Presidente da APS focou a escolha da temática

do Congresso, abordou o lugar da disciplina na sociedade portuguesa e indicou algumas ausências importantes.

O tema deste evento foi o denominador comum das intervenções dos ilustres representantes dos organismos convidados: Guilhermina Rego (Vereadora do Conhecimento e Coesão Social da Câmara do Porto); Fátima

Marinho (Diretora da FLUP da Universidade do Porto); José Marques dos Santos (Reitor da Universidade do Porto); Miguel Seabra (Presidente da FCT) e Maria de São Luís Schoner (Subdiretora da FFPCE), em representação do Diretor José Alberto Correia que, por motivos familiares, não pôde marcar a sua presença.

Sociedade e Política: um duelo em palavras



A primeira Sessão Plenária do dia 20 juntou na mesma mesa Manuel Villaverde Cabral e Hermínio Martins enquanto congressistas comunicantes, num debate moderado por João Teixeira Lopes. Veterano do ICS, Villaverde Cabral iniciou a intervenção afirmando que nunca como hoje Sociedade e Política estiveram tão dissociadas, panorama que coloca em risco o próprio futuro da Democracia. “Muito preo-

cupado” com as políticas sociais, até lançou uma ideia: tal como acontece em Espanha, o sociólogo propôs que Portugal adotasse um teto fixo no valor de 2800 euros brutos por mês no que diz respeito às reformas. Uma medida “meramente simbólica”, realçou, mas, ainda assim, “um princípio”. Já o sociólogo da Oxford University Hermínio Martins focou a sua intervenção em torno da problemática

tecnologia/relações humanas. E foi ironizando: “Por que é que não mudamos a nossa existência banal para humanos 2.0 ou 3.0? Ou simplesmente deixamos de ser humanos e passamos a ter uma existência virtual?” Tempo houve ainda para debater questões inerentes aos direitos dos animais, tendo Hermínio Martins lamentado o sofrimento dos animais “como nunca antes na História”.

frases do dia

“As revoluções nunca estão previstas. Se estivessem não aconteciam”

Manuel Villaverde Cabral

“Todos os seres que sofrem têm direito à consideração”

Hermínio Martins a propósito dos animais

“A Democracia é um espírito, uma fé partilhada, uma vontade de viver em conjunto”

António Teixeira Fernandes

“Eu falaria em ressaca permanente... se é que algum fígado resiste a isso!”

José Madureira Pinto sobre a crise

“O caminho da economia choca com os direitos humanos”

Carvalho da Silva

“O direito do trabalho está no banco dos réus”

idem

“Não sei nada sobre Sociologia. Quando andava na faculdade era algo subversivo”

Mário Soares

“Sigo-o porque sempre o detestei desde o primeiro dia em que o vi”

idem sobre Tony Blair

“O cinema em Portugal nunca será uma indústria, será sempre um artesanato”

Dario Oliveira

“Som de Rua” arrancou ovações

A Orquestra Som de Rua, iniciativa do Serviço Educativo da Casa da Música, que conta com cerca de dois anos e meio de existência, atuou no primeiro dia do Congresso de Sociologia na FPCEUP. Segundo as palavras de Tânia Leão, uma das responsáveis pela presença da orquestra no Congresso, este projeto articula-se com a sociologia tendo em conta o alerta social por detrás do mesmo. Para Jorge Prendas, coordenador da orquestra, esta iniciativa permite a indução da inclusão social através do proporcionamento de auto-estima e relacionamento interpessoal.

Constituído por uma média de 50 pessoas, o grupo propõe a transmissão de música a “toda a gente”, o que justifica o nome “som de rua”, uma música que vai ter com as pessoas.

Esta realidade traduziu-se na própria atuação que conseguiu envolver as pessoas presentes, arrancando ovações. De destacar a satisfação dos presentes, através das palavras de Manuel Carlos Silva (Presidente da APS), que elogiou o projeto por permitir eliminar barreiras físicas e sociais.



Público fez questão de manter sessão de “curtas”

A noite do primeiro dia do Congresso foi marcada por uma sessão de curtas-metragens programada pela Agência da Curta-metragem. Em exibição estiveram “Rapace”, de João Nicolau, “China”, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, “Viagem a Cabo Verde”, de José Miguel Ribeiro, e “Cântico das Criaturas”, de Miguel Gomes. Tânia Leão explicou que a escolha baseou-se na temática geral do Congresso. Curiosamente, a adesão a esta

iniciativa não foi a esperada e chegou mesmo a equacionar-se o cancelamento. Contudo, as pessoas presentes fizeram questão de ver as “curtas” e o programa acabou por decorrer normalmente.

Já um dos directores do Festival Curtas de Vila do Conde, Dario Oliveira, relembra a importância do cinema para interpretar a sociedade e transformar mentalidades. Este ano o Festival comemora o 20º aniversário, entre 7 e 15 de Julho.



Tânia Leão e Dario Oliveira